

Vozes dedilhadas por Rachel Tostes: violão, docência e maternidade

Comunicação

GTE 15 – Gênero e Sexualidade na Educação Musical

Simone Lacorte Recôva
Universidade de Brasília
silacorte@unb.br

Resumo: A presente comunicação integra uma tese de doutorado que teve por objetivo investigar, por meio de narrativas provenientes de entrevistas de história oral, as trajetórias de formação e profissionalização de docentes violonistas, atualmente aposentadas, que atuaram em cursos de música em universidades federais brasileiras entre 1976 e 2023. A escrita da história das mulheres a partir de fontes informadas por elas mesmas, ou seja, a partir das próprias narrativas orais busca contribuir para ampliação de outras histórias ainda invisibilizadas. Para este artigo foram selecionadas as narrativas de vida da violonista mineira, Rachel Tostes, professora de violão pioneira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atualmente aposentada, mestre em Música em Performance pela *Manhattan School of Music* (1989). O recorte do trabalho tem como foco a maternidade e a desafiante tarefa em conciliar a vida profissional artística como violonista e docente universitária com a vida pessoal. A pesquisa tem como base a historiografia feminista, e reflete a importância política da escrita da(s) história(s) das mulheres por Joan Scott (1990), Michelle Perrot (1995), Maria Izilda Matos (2013), Rachel Soihet (1997), a partir de fontes informadas por elas mesmas. As estratégias de mulheres violonistas, como Rachel Tostes, que também são mães/avós, professoras, acadêmicas, musicistas profissionais precisam ganhar visibilidade e importância historiográfica, pois as trajetórias femininas hegemônicas na historiografia priorizam narrativas que destacam a exclusão de mulheres musicistas da possibilidade de atuação profissional após o casamento e a maternidade.

Palavras-chave: mulheres-violonistas; universidade; maternidade.

Introdução

A opção pela vida artística, acadêmica e também pela maternidade é uma realidade que integra as discussões sobre gênero, música e sexualidade. Emerge das narrativas de vida de mulheres violonistas que, ao contrário do que a historiografia reporta, o fato de “serem mães” não as reduz à criação dos filhos e aos trabalhos domésticos. Ao invés disso, avança, para outras possibilidades como, por exemplo, a construção de uma vida profissional como docentes e artistas.

A historiografia feminista aponta a importância política da escrita da história das mulheres. Nesse sentido, destacam-se os trabalhos de Patrícia Pereira Porto e Isabel Porto Nogueira (2007), Myriam Taubkin (2007), José Jarbas Júnior (2011), Marcia Taborda (2012), Mayara Amaral (2017) e Thaís Nascimento Oliveira (2022) no campo dos estudos da História e Musicologia, com informações sobre a vida e obra de mulheres violonistas. Estes trabalhos se aliam às discussões mais amplas no campo da História das Mulheres, com autoras como Joan Scott (1992), Michelle Perrot (1995) e no Brasil, Rachel Soihet (1997), Margareth Rago (1995), Mary Del Priore (2018), Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (2012), Maria Izilda Santos de Matos (2013) e Diva do Couto Gonijo Muniz (2015).

A presente comunicação integra uma tese de doutorado que teve por objetivo investigar, por meio de narrativas provenientes de entrevistas de história oral, as trajetórias de formação e profissionalização de docentes violonistas, atualmente aposentadas, que atuaram em cursos de música em universidades federais brasileiras entre 1976 e 2023. Destaca-se como ponto de partida para essa investigação o livro: O Violão da Marginalidade à Academia: trajetória de Jodacil Damaceno, de Sandra Mara Alfonso (2009). O recorte do trabalho, do ponto de vista da escolha das participantes, ou seja, mulheres, violonistas, docentes do ensino superior em universidades federais brasileiras, foi definido após a leitura desta obra, na qual Alfonso destaca o trabalho de Maria Rachel Tostes do Carmo:

Em Minas Gerais, o violão se integrou à Fundação Universidade Mineira de Arte – FUMA – e, no ano de 1976, também passou a fazer parte do currículo do curso de Música na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, tendo como professores responsáveis José Lucena Vaz e Maria Rachel Tostes do Carmo (Alfonso, Sandra Mara, 2009, p. 119).

Sandra Mara Alfonso contribuiu de forma significativa com o registro historiográfico de mulheres violonistas docentes universitárias que, assim como ela, construíram e ainda constroem a história do ensino do violão em universidades brasileiras. O trabalho de Alfonso representou a inspiração inicial para a problemática da pesquisa, a qual posteriormente foi ampliada a partir dos relatos por meio de entrevistas semiestruturadas de quatro mulheres-violonistas-docentes-universitárias-brasileiras.

Compreendo, assim, que, por meio da exposição da historicidade desses processos, seja possível superá-los, desnaturalizá-los e principalmente visibilizá-los. A oralidade constitui um dos caminhos possíveis para conhecer o trabalho e a atuação dessas profissionais.

Metodologia

O trabalho teve como base os princípios da História Oral a partir das narrativas de quatro mulheres-violonistas-docentes-universitárias, atualmente aposentadas, que atuaram em cursos de música em universidades federais brasileiras entre 1976 e 2023. As primeiras entrevistas ocorreram no ano de 2019 de forma presencial nas respectivas cidades das participantes: Belo Horizonte (Minas Gerais) com Rachel Tostes; Salvador (Bahia) com Cristina Tourinho; Porto Alegre (Rio Grande do Sul) com Flávia Domingues Alves; e no Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) com Maria Haro. No entanto, a pandemia teve como consequência imediata um hiato na condução da pesquisa. No que concerne à segunda sessão de entrevistas que seriam presenciais, elas precisaram ser reavaliadas, revalidadas e realizadas no formato virtual. Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães (2020) discutem sobre a possibilidade de realização de entrevistas *online* no período da pandemia. Os autores se debruçam na discussão sobre as vantagens e desvantagens do uso deste tipo de recurso e ponderam sobre diferentes pontos de vista, bem como as implicações do uso de entrevistas à distância. Após o fim do auge da pandemia do Covid-19, foi possível retornar a um terceiro encontro com as violonistas em suas perspectivas casas e cidades para a conclusão do trabalho de campo.

As memórias presentes nas narrativas das mulheres violonistas entrevistadas constituem processos culturais ativos e em disputa. A história oral, aqui compreendida como metodologia (Alberti, 2021) e como campo (Corrêa, 2013), ou seja, como um caminho e procedimentos teóricos nos quais emergem as narrativas de mulheres violonistas, a partir de suas experiências, memórias, trajetórias de vida e docência universitária constituem a base para análise das narrativas.

Parti do princípio de que a história oral é um tipo de metodologia na qual a ‘pesquisa nos pesquisa’, ou seja, a pesquisa nos convida a investigar algo que nos inquieta. Considerei que a problemática que temos é muito significativa para a nossa própria compreensão do mundo em que vivemos, a ponto de se tornar maior do que nós mesmos. Segundo Débora Diniz, o ato de “pensar tem por finalidade curar as feridas da inquietação”¹ As feridas do pensamento, citadas por Débora, corroboram na busca pelo conhecimento e

¹ Curso de extensão em metodologia de pesquisa e acolhimento universitário. Realizado entre: 07/11/2021 e 19/12/2021. Coordenado por Débora Diniz Rodrigues.

pela própria consciência da construção do “eu” e da própria história.

As narrativas da docente universitária e artista-musicista contemplam caminhos plurais e subjetivos. Nesse sentido que Portelli (1996) reflete que no encontro entre entrevistador e entrevistado, cada qual com suas subjetividades distintas, gera-se uma nova subjetividade. Segundo o autor, nem sempre o que o narrador quer contar coincide com o que o historiador quer saber. Há, assim, a necessidade de uma escuta sensível diante das pluralidades das narrativas das entrevistadas, as quais estão interligadas a diferentes experiências vividas, à classe, idade, região, escolaridade e raça, por exemplo. A importância de se pensar em abordagens interseccionais, ou seja, em uma análise mais profunda das narrativas no que diz respeito a raça, por exemplo, somente surgiu durante as disciplinas no doutorado. A branquitude e a relação com o ingresso como docentes em universidades públicas não representaram preocupações iniciais da pesquisa. Embora esta temática tenha sido interpelada no momento da qualificação da tese, ela não emergiu das narrativas das violonistas, por isso não foi desenvolvida ao longo da pesquisa. Já a questão do privilégio, por outro lado, bem como as características regionais e culturais constituíram alguns dos alicerces de reflexão na análise das narrativas.

Por fim, não é possível produzir uma narrativa sem estar completamente agenciada por processos culturais dinâmicos e ativos. Há, dessa maneira, a necessidade constante de diálogos com a experiência prática no exercício da história oral.

Rachel Tostes, uma violonista mineira

Maria Rachel Tostes do Carmo, nasceu em 24 de abril de 1950, em Belo Horizonte, Minas Gerais, violonista, professora universitária aposentada e pioneira na implantação do curso de violão erudito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1976. Filha de Generalino Barros do Carmo e Eva Tostes do Carmo teve por meio do irmão, José Tostes do Carmo, o contato e o interesse despertado em tocar violão. Do pai, incentivador de sua carreira e apreciador das artes, teve o apoio incondicional e a presença constante em concertos e apresentações na cidade. A mãe gostava de cantar e, assim como Rachel, também começou a aprender violão com o professor José Martins, em Belo Horizonte. A violonista inicia assim a própria narrativa:

Como sou pioneira na implantação do curso de violão erudito na

universidade, a minha formação acadêmica é um caso à parte. Sempre gostei muito de dar aula. Aos 15 anos já dava aulas de violão. Quando o Professor Martins faleceu, eu tinha uns 18 anos e praticamente “herdei” os alunos dele que era a melhor escola de violão clássico em Belo Horizonte. Então, minha carreira docente começou a ser traçada naquele momento! Quando me perguntava se iria ou não me profissionalizar na música, o destino fez essa parte, essa escolha para mim².

Ser a pioneira na fundação do curso de violão erudito na Universidade Federal de Minas Gerais constitui um motivo de orgulho e reconhecimento pelo próprio trabalho desenvolvido ao longo de vários anos. Este marco inicial da narrativa de Maria Rachel contribui na reconstrução da história do ensino do violão em universidades federais no Brasil. Ao prazer em ensinar violão, desde muito jovem, adiciona-se a competência, a confiança e o reconhecimento do trabalho por parte dos(as) alunos(as) do professor José Martins, que após o falecimento do mestre, procuraram Rachel com intuito de ter uma continuidade no aprendizado do violão. À época, ainda sem ter a certeza da profissionalização na música, a violonista experienciou uma prática empírica de ‘ser docente’ com base no próprio aprendizado. A partir da experiência pessoal, ou seja, a partir dos erros e acertos, Maria Rachel encontrou a própria maneira de ensinar.

O processo de ensino-aprendizagem do violão na experiência de Rachel ocorreu, em muitos momentos, simultaneamente. Ainda muito jovem, com 15 anos, ao mesmo tempo que se aperfeiçoava na prática do instrumento, a violonista também ensinava o que aprendia. Importante destacar que a memória e a narrativa são duas dimensões da experiência social que acontecem no reconhecimento dos processos culturais dos mais vastos: o local, regional, nacional, nos seus planos dos ofícios, dos fenômenos, do modo de vida, em todas as suas expressões. Para compreender e interpretar as narrativas presentes na trajetória da violonista, bem como nas discussões sobre história oral é fundamental pensar no plano da cultura. Williams (2015) pensa a cultura como um processo ativo. O autor traz o diálogo com a cultura ordinária e faz a discussão entre cultura burguesa, cultura de elite, cultura comum, cultura do povo e sobretudo, o debate sobre senso comum. Importante destacar a relevância de se compreender a noção de cultura ordinária, ou seja, a cultura comum, não a cultura “do” comum. A cultura comum seria um espaço de compartilhamento de experiências sociais intrínsecas historicamente marcadas.

² Informação verbal de Rachel Tostes revalidada pela violonista em 27/01/2022.

Rachel afirma que com 10 anos, iniciou o interesse pelo violão ‘seresteiro’ e pelas valsas. Começou a tocar com um violão bem pesado com cordas de aço, as quais marcavam bastante a ponta dos dedos e deixavam calos. Conta ainda que o irmão, José Tostes, foi a primeira influência ao cantar e tocar violão. Renata Sieiro Fernandes e Margareth Brandini Park (2006) destacam que a “memória das crianças – assim como a dos velhos – pode se construir e se organizar por meio de suportes fotográficos representativos de fragmentos da vida cotidiana” (p. 39), dessa maneira, as memórias infantis não vêm em palavras, mas em imagens e sensações, como a dos calos nos dedos, da dor ao apertar as cordas de aço no violão pesado. Tocar violão com cordas de aço e posteriormente, ao ingressar em aulas particulares, trocá-las por cordas de *nylon*, também retratam momentos de melhor adaptação da musicista ao instrumento. A mudança do aprendizado inicial pela oralidade, do violão seresteiro, e posteriormente do ensino sistematizado dos métodos³ e das orientações do violão erudito constituem momentos significativos na aprendizagem de Maria Rachel.

O aprendizado inicial do violão seresteiro e posteriormente a trajetória profissional no ‘violão clássico’, nas palavras de Rachel, evoca discussões mais amplas sobre os processos de compreensão, disputa e, muitas vezes, contraposição entre cultura popular e cultura erudita. Até a década de 1970, em Belo Horizonte, o ensino do violão, mesmo com repertório da música instrumental europeia, não era encontrado nos conservatórios e escolas de música da cidade. Quando Rachel procurou o Conservatório Mineiro de Música, atual Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com intuito de estudar formalmente o instrumento naquela instituição, ela foi informada que ali não se ensinava violão, somente piano, violino, ou seja, instrumentos de orquestra. Quando questionada do ‘porquê’ desse retorno negativo do conservatório, Rachel infere que, talvez, o violão ainda estivesse associado à música popular, às serestas e à boemia, não sendo ainda aceito em instituições formais.

Nicolau Sevcenko (1983) ao trazer as tensões sociais e criação cultural na Primeira República no Rio de Janeiro retrata o violão como um instrumento popular desviante do comportamento tradicional de jovens. Como acompanhador das ‘modinhas’ e presença

³ Em entrevista a Celso Faria, Rachel informa ter estudado com o Professor José Martins com os livros de Júlio Sagreiras (1,2,3) e Isaías Savio e técnica a partir das Escalas de Segovia e Arpejos de Mauro Giuliani. In: O Charme do Violão Mineiro - Entrevista 13 - Maria Rachel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eE0iD550HIE>. Acesso em: 01 jun. 2025.

indispensável nas rodas de estudantes boêmios, segundo Sevcenko, o violão era sinônimo de vadiagem. Em contrapartida, no entanto, Marcia Taborda (2021) reflete sobre essa visão hegemônica do violão. A violonista e pesquisadora destaca que o violão surgiu na Europa em fins do século XVIII. Chegou ao 'Novo Mundo' como novidade moldada ao gosto da elite. Introduzido no Brasil como instrumento de lazer da imperatriz Leopoldina, ele foi apresentado em importantes salas de concerto da Corte Imperial. Dessa maneira, o violão no Brasil apresenta-se ao longo da história, em diferentes roupagens e linguagens, assim, relacioná-lo a uma única esfera, constitui-se um contrassenso.

O sentimento de decepção da violonista por não poder estudar no primeiro conservatório que procurou, não a impediu de continuar buscando novos espaços, nos quais poderia se desenvolver musicalmente. Na antiga Fundação Universidade Mineira de Arte (FUMA), Rachel teve a oportunidade de estudar outras disciplinas da formação teórica do conservatório como: História da Música e Solfejo, Harmonia e Morfologia, Música de Câmara e Estética. Como destacou desde o início da narrativa, Rachel sonhava em dar aula na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. No entanto, para que essa atuação profissional como docente na universidade pudesse se concretizar, a violonista precisava ter no currículo cursos e certificados complementares, motivo este que a levou a procurar instituições formais. À época que Rachel procurou os cursos formais de música em Belo Horizonte não havia o ensino do violão e conseqüentemente não existiam professores(as) formados(as) em violão no Brasil, ou seja, havia um problema circular.

Sandra Mara Alfonso (2017) destaca que somente na década de 1970 que o violão foi inserido nos cursos superiores de música no país. Nesse período, os professores que assumiram a cadeira de violão nos cursos de graduação foram autorizados pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) ou receberam o título de Notório Saber. Assim, foi necessária uma ação política para que o CNE, ciente dessa ausência específica dessa formação no país, concedesse o título de Notório Saber a professores como Maria Rachel Tostes do Carmo, e assim foi possível dar início ao ingresso de professores(as) de violão no ensino superior.

Performance, docência e maternidade

Rachel Tostes foi a primeira mulher, docente de violão em uma universidade federal em Minas Gerais, em uma época com tantas mudanças institucionais e principalmente em um período tenso politicamente no Brasil. Sendo assim, conciliar a vida pessoal e profissional

diante de diferentes demandas que vão além do ambiente de trabalho exigiram, segundo a violonista, muita organização e planejamento. Quando solicitada a falar da relação da vida de concertista, de professora, de docente, de mãe de Pedro e Francisco relata:

É, realmente, só quem é mulher e profissional sabe o que é enfrentar isso tudo. Não é um passeio no parque, mas é uma força que Deus nos dá. Requer muito planejamento de atividades e organização! Então, é assim, é bem planejado mesmo!⁴

Planejamento e organização foram as duas definições de Rachel Tostes para conciliar a vida profissional e pessoal. Emerge da narrativa da violonista questões de gênero e a consequente naturalização das atividades atribuídas às mulheres no campo da profissão e da vida pessoal. O primeiro ponto que Rachel explicita é que não é fácil conciliar a profissão com as demandas características atribuídas às mulheres no Brasil. Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (2012) trazem que as representações do feminino se encontram no mundo do trabalho e na organização familiar, ou seja, cabe, na maioria das vezes, às mulheres planejar e ‘dar conta de tudo’ mesmo atuando profissionalmente fora de casa.

Rita Lages Rodrigues (2020) traz a presença e a ‘condição de mulher e mãe’ de artistas em Belo Horizonte, as quais narraram a satisfação em poder conciliar a maternidade e a realização como pintoras. Segundo a autora, “as escolhas devem ser feitas para aquelas que desejam ser mães e profissionais” (p. 142). Assim como nas narrativas de três artistas entrevistadas por Rodrigues, Rachel Tostes narra o modo de vida como violonista-docente e mãe, a questão dos horários dos concertos e apresentações, viagens e compromissos externos à rotina da casa, que também precisam ser constantemente adaptados.

Nos espaços de conciliação entre vida familiar, artística e docente, as universidades federais constituem, na visão de Rachel Tostes, lugares flexíveis com amplas e diferentes oportunidades profissionais. Há a possibilidade de atuação docente e artística, solo e em grupo, na orientação e atuação juntamente com os(as) próprios(as) estudantes. Sendo possível negociar os turnos e horários das aulas, por exemplo:

...a universidade dá essa flexibilização do horário, de permitir ir em casa estudar, olhar alguma coisa que tem que fazer (...) nesse ponto tinha um horário flexível! Eu podia ficar até às 7/8 horas da noite se eu quisesse, chegar mais tarde, só depois do almoço, por exemplo, ou ir de manhã e

4 Informação verbal de Rachel Tostes revalidada pela violonista em 27/01/2022.

Possibilidades e flexibilização que permitem a organização de mulheres e profissionais, docentes universitárias, artistas e a maternidade. Além da docência, em 1985, Rachel também assumiu a função de Chefe do Departamento de Instrumento e Canto da Universidade Federal de Minas Gerais, antes da aposentadoria.

Chefe de Departamento e da Câmara de Instrumentos e Canto da Escola de Música da UFMG, de 1985 a 1987, atividades acadêmicas como professora, desde 1976 na UFMG, organização e cuidado com a família, dois filhos pequenos, pais idosos, assim foi o modo de vida de Maria Rachel Tostes do Carmo antes de ir cursar o mestrado em Nova York.

Eu me tornei professora da Escola de Música da UFMG, em 1976. Meu primeiro filho nasceu 4 anos depois! Tive que conciliar família, os pais mais idosos, as atividades como professora e as de violonista. (...) Quando fui para Nova York para fazer o mestrado, fomos todos, inclusive meus dois filhos, na época com 5 e 6 anos. Foi uma experiência ótima também como família. As crianças tiveram a oportunidade de experimentar a imersão em uma nova cultura e realidade distintas. Eles recordam disso com carinho, até hoje. Felizmente, foi tudo bem e consegui fazer meu mestrado no tempo certo. Ah! e ainda ganhei uma bolsa de estudo lá também!!! Depois de ser aceita em *Manhattan School of Music*, era necessário fazer uma audição frente a banca. Essa minha primeira audição lá, levou a banca a me conceder uma bolsa de estudos, que reverti para a CAPES⁶.

A mestranda foi ao exterior com a família. Ela afirma que, além das atividades acadêmicas, todos foram felizes ao se permitirem um modo de vida diferente do que tinham como costume do Brasil. Rachel elogia a escola dos filhos, ainda pequenos nos Estados Unidos que até hoje lembram com boas recordações as experiências vividas fora do Brasil. Além disso, ao retornar ao seu país, a docente-mestre pôde repassar as vivências tidas em outro contexto cultural, como os Estados Unidos.

Hoje, eu olhando para trás, sinto orgulho de mim mesma! Para mim o importante era fazer um trabalho bem feito, no caso do músico tocar bem! Dar o seu melhor. Não importa ser homem ou mulher!! Eu não levava essa questão muito a sério não! Mas que ela existe, existe! Hoje, refletindo, eu vejo que realmente existe, talvez existisse preconceitos! Tanto que quando eu estava na escola de música, eu acredito que me relacionava mais com os músicos de outros instrumentos porque tinha mais mulheres! Eu sei que era muito bem-vinda no círculo musical pianístico ou das violinistas, dos

⁵ Informação verbal de Rachel Tostes revalidada pela violonista em 27/01/2022.

⁶ Informação verbal de Rachel Tostes revalidada pela violonista em 27/02/2023.

violinistas. Então eu me dava bem com todos, mas não tinha companheiras do lado de cá...⁷

A pergunta interpelada à Maria Rachel foi uma pergunta diretiva, pois eu, também como pesquisadora, entendia que o fato de “ser mulher” influenciava diretamente na profissionalização na área da música. Entretanto, a resposta que a violonista deu, me levou a buscar novos horizontes como uma maternidade não romantizada, mas, ao mesmo tempo possível, ou seja, que a escolha por ter filhos e trabalhar também poderia ser uma decisão compatível. No entanto, após a reflexão da narrativa da violonista considero que, para ser possível conciliar maternidade e trabalho é necessário a presença de uma rede de apoio, boas escolas em tempo integral, um sistema na universidade que não exija tanto das docentes, ou seja, em cobranças exageradas de produtividade e reuniões e compromissos.

Considerações finais

A docência representa uma parte importante da trajetória de vida de Maria Rachel Tostes do Carmo, um modo de vida que, segundo ela, vem da família. Os sentidos do ser professora para Rachel envolve paciência, persistência, vontade de ensinar e amor/dedicação aos alunos. Por isso ela se define como "docente por natureza", porque vem como um desejo próprio, um amor pelo ato de ensinar e não uma imposição. É parte de uma história de sucesso, porque a violonista conseguiu realizar o seu sonho, que era tornar-se professora da universidade, lugar este de poucos. Assim a violonista se define: amor ao instrumento, aos alunos e o desfecho final: “Na Escola de Música não fui aceita como aluna, mas fui como Professora!”.

Em uma época em que não havia curso de violão na universidade, Rachel Tostes, mesmo com respostas negativas para o estudo formal em uma instituição, ela não desistiu, lutou e conseguiu ocupar o espaço de professora em uma universidade federal.

Em outubro de 2006, Maria Rachel Tostes do Carmo recebeu uma homenagem pelos 30 anos da implantação do violão na universidade pública brasileira, durante o II Festival Internacional de Violão de Belo Horizonte na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁷ Informação verbal de Rachel Tostes revalidada pela violonista em 27/01/2022.

Figura 1 -Maria Rachel Tostes do Carmo



Fonte: Página do Clube do Choro de BH - Foto: Aloísio Castro Cambraia, 2021⁸.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: Carla Bassanezi Pinsky. (Org.). *Fontes históricas*. 3.ed., 6ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021, v. 1, p. 155-202.

ALFONSO, Sandra Mara. *O Violão da marginalidade à academia – trajetória de Jodacil Damaceno*. Uberlândia: EDUFU, 2009. 268f.

ALFONSO, Sandra M.. E-book - *O violão, da marginalidade à academia: trajetória de Jodacil Damaceno*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2017. 270p.

AMARAL, Mayara. *A Mulher compositora e o violão da década de 1970: Vertentes Analíticas e contextualização Histórica Estilística*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2017. 176 f.

CARMO, Maria Rachel Tostes do. [72]. [setembro de 2019; janeiro de 2022; fevereiro de 2023]. Entrevistadora: SIMONE LACORTE RECÔVA.

CORRÊA, Ricardo Santhiago. *Método, metodologia, campo: A trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). Ano de obtenção: 2013.

FERNANDES, Renata Sieiro; PARK, Margareth Brandini . Lembrar-esquecer: trabalhando com as memórias infantis. *Cadernos do CEDES (UNICAMP)*, Campinas, v. 26, p. 39-59, 2006.

⁸ Imagem disponível em: <https://www.clubedochorodebh.com.br/2021/08/a-importante-atuacao-de-maria-raquel.html>. Acesso em: 01 jun. 2025.

JÚNIOR, José Jarbas Pinheiro Ruas. O Violão Feminino na República velha: um recorte social entre 1920 -1930. (2011). Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/capimdourado/article/view/4478>. Acesso em 01 jun. 2025.

MATOS, Maria Izilda Santos de. História das Mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. Mandrágora, v.19. n. 19,2013, p 5-15. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/1238> Acesso em 01 jun. 2025.

MUNIZ, Diva C. G.. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas. Opsi (UFG), v. 15, p. 316-329, 2015.

OLIVEIRA, Thaís Nascimento. *Reflexões sobre Música e Gênero na Universidade a partir do levantamento e análise musical feminista de obras de mulheres compositoras para violão*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, BR-RS, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/238274>. Acesso em 01 jun. 2025.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de 'segunda onda': corpo, prazer e trabalho. In: Carla Bassanezi Pinsky; Joana Maria Pedro. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1ed.São Paulo: Contexto, 2012, p. 238-259.

PERROT, Michele. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu- fazendo história das mulheres*, nº 4, p.9-28, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em 01 jun. 2025.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.); PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 560p.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo. *Revista do Departamento de História da UFF*. Rio de Janeiro: UFF, v.1, n.2, 1996, p.59-72. Disponível em: <https://www2.historia.uff.br/tempo/wp-content/uploads/2024/11/artg2-3.pdf> Acesso em 01 jun. 2025.

PORTO, Patrícia Pereira; NOGUEIRA, Isabel Porto. Imagem e representação em mulheres violonistas: algumas reflexões sobre Josefina Robledo. In: *XVII Congresso da ANPPOM*. Anais do congresso. São Paulo, UNESP 2007. Disponível em: http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/musicologia/musicol_PPorto_IPNogueira.pdf. Acesso em 01 jun. 2025.

PRIORE, Mary Lucy Murray. *A História das Mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto/Unesp, 2018. 678p.

RAGO, Margareth. *As Mulheres na Historiografia Brasileira*. In: SILVA, Zélia Lopes (org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995, p.81 a 91.

RECÔVA, Simone Lacorte. *Vozes dedilhadas: histórias e trajetórias de vida e docência universitária de mulheres violonistas brasileiras (1976-2023)*. 2023. 316 f., il. Tese (Doutorado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

RODRIGUES, Rita Lages. *Outras Histórias nos Mundos da Arte: Mulheres Artistas, Questões de Gênero e Histórias das Artes em Belo Horizonte dos anos 1940 aos anos 1960*. In: Andrea Casa Nova Maia. (Org.). *Recortes do Feminino*. Cristais de memória e histórias de mulheres nos arquivos do tempo. 1ed.Rio de Janeiro: Editora Telha, 2020.

SANTHIAGO Ricardo; MAGALHAES, Valéria B. Rompendo o isolamento: Reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *ANOS 90 (ONLINE) (PORTO ALEGRE)*, v. 27, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em 01 jun. 2025.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora brasiliense, 1983.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS Ronaldo. *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-296.

TABORDA, Marcia. *As senhoritas e o violão: os anos 20 na "Capital irradiante"* In: XXII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Anais do congresso. João Pessoa, UFPB, 2012.

TABORDA, Marcia. *O violão na Corte Imperial*. 2. ed. rev – Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2021. 180 – Disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2021/cadbn17_arquivo_digital2-7158.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.

TAUBKIN, Myriam. *Violões do Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *A cultura é algo comum*. In: Recursos da esperança. São Paulo: Editora Unesp, 2015.